

The book cover features a dark, swirling, and textured background that resembles a deep abyss or a stormy sea. On the left side, there is a vertical strip of light, possibly representing a rope or a path, which adds a sense of depth and mystery. The title and author's name are printed in white, contrasting sharply with the dark background.

a poética do abismo

Paulo Dagomé

a poética do
abismo

Paulo Dagomé

a poética do
abismo

Paulo Dagomé

© 2024 Paulo Dagomé

- Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
- Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Ficha técnica

Projeto gráfico, capa e ilustrações **Ricardo Caldeira**
Fotografias **Nanah Farias e Zeca Sena**
Revisão **Fábio Sena**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C146

Dagomé, Paulo

A poética do abismo / Paulo Dagomé. -- Brasília,
DF: Oribe Editorial, 2024.

ISBN 978-65-85452-06-9

1. Poesia brasileira I. Título.

24-216846

CDD-B869,1

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC

FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

editoração

Oribe

realização



apoio



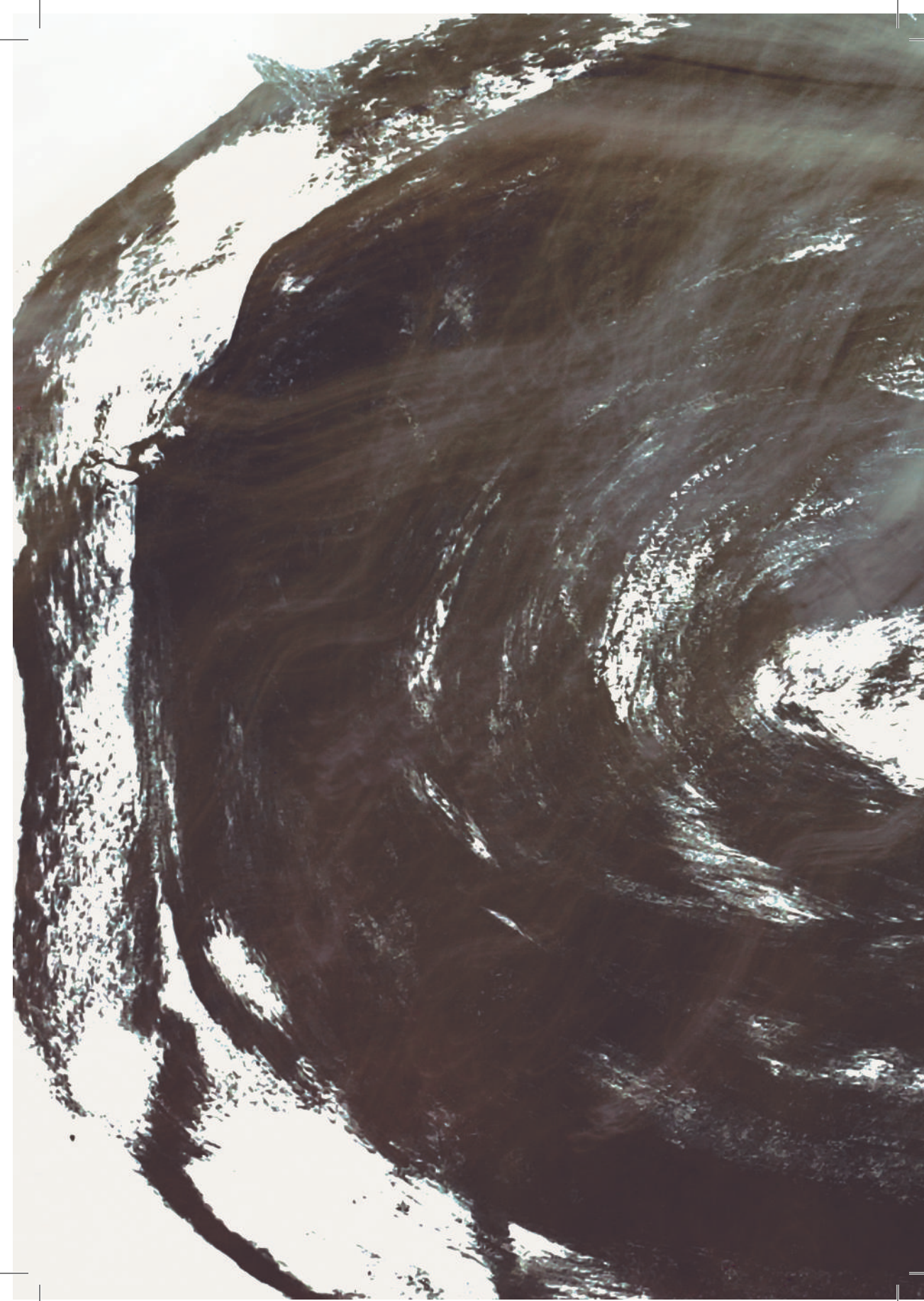
Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

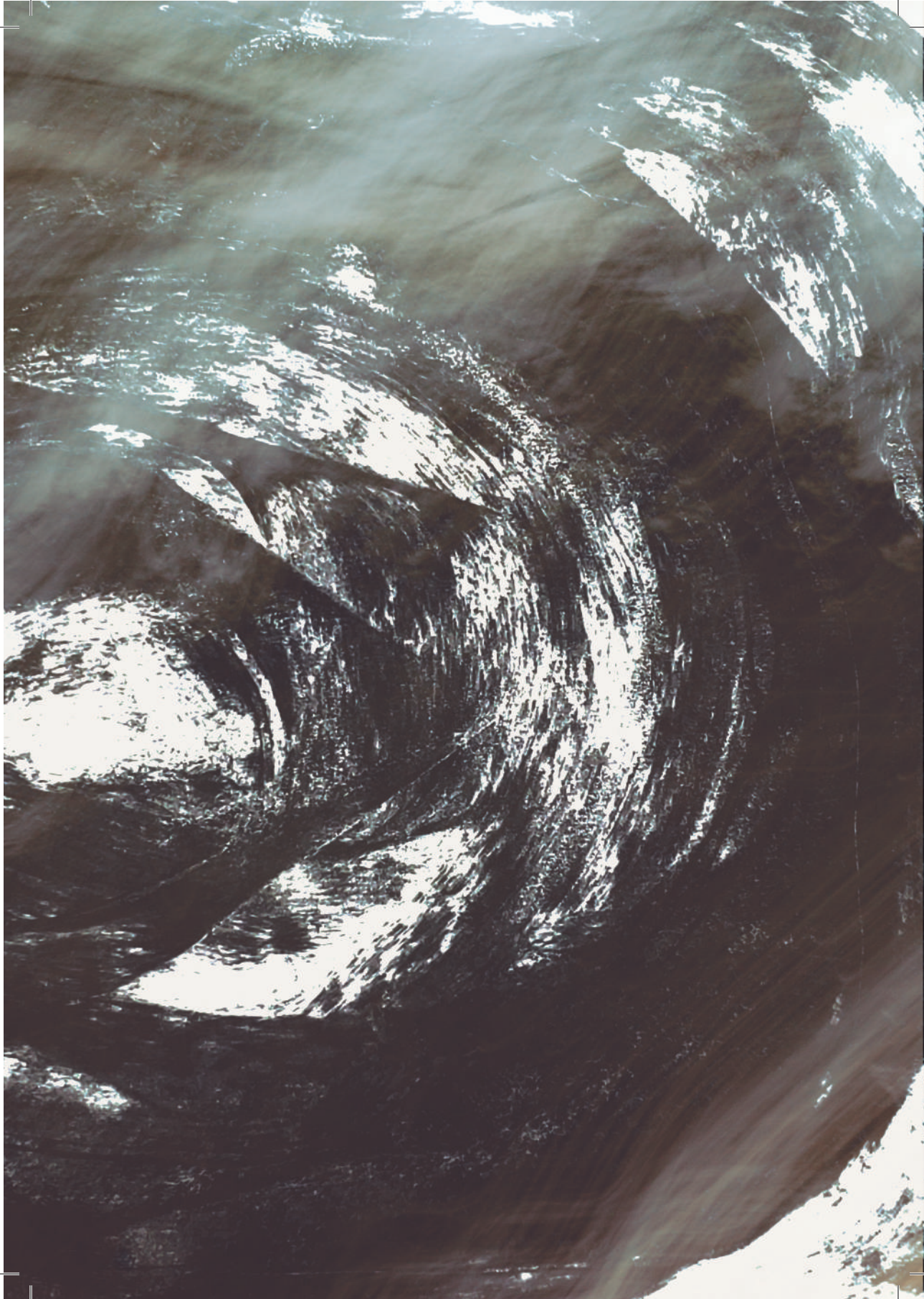




Dedico esse trabalho a minha mãe, Jovita.
Às minhas irmãs, Marlúcia, Marcia e Niméia.
À minha esposa, Nanah Farias.
E às minhas filhas Beatriz, Priscilla e Estela.









Índice

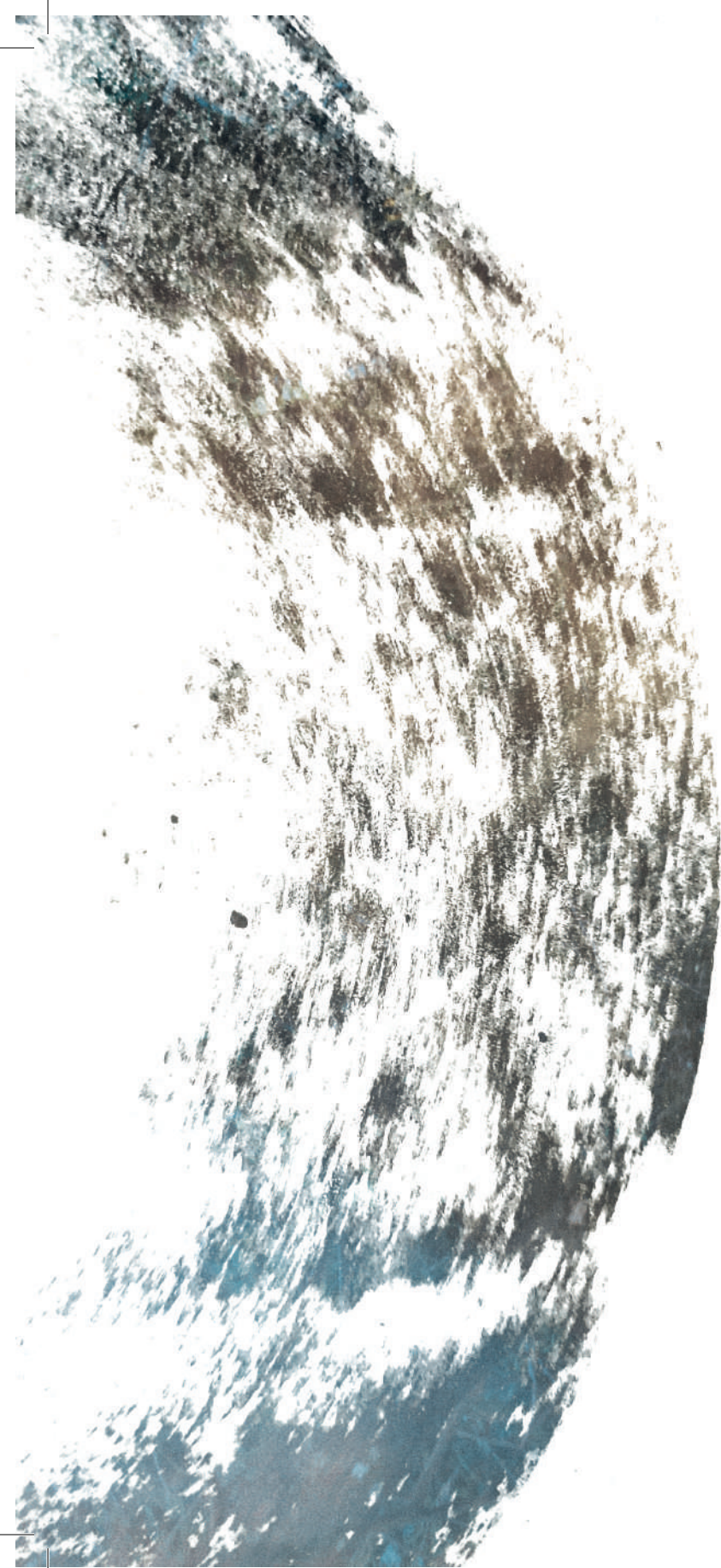
Prefácio	10
agora eu sei quem foi que o criou	14
estou olhando o tempo de perto	16
olhando o povo em torno e vendo o dentro deles	17
hoje amanheceu molhado em minha alma	18
assim quem sabe despir-me da consciência como da roupa	19
esse frio gelado na espinha	20
entre os que acham que sou frio como lata	21
como se algo importante escapasse entre os meus dedos	22
trago na minha ascendência um monte de bons reizeiros	23
antigamente ele chegava só	24
sou o exército vencido	25
do que há de mais valia	26
minha alma coa no telhado gotejante	27
os luminares	28
nego o acaso tão certo	29
nada do que sou me faz inteiro	30
na febre dos desejos	31
mar de tranquilidade	32
ave rara	33
manter a máscara	34
por que me treme assim a perna quando penso no futuro	35
vem logo velhice vem logo morte vem logo após	36
minha pseudo erudição	37

morro qual fora guerreiro 38
como tantas outras vezes cometido à surdina 39
não sei que cousa é esta que em mim isto faz 40
o meu futuro é um cadáver espichado no convés 41

quase um buda feroz no cerrado 42
meu nobre coração africano 43
estou indo maria 44
sendo então que se o passado o presente e o futuro 46
tomado de amores por minha cidade 47
pra sempre a tortuosa via angustiada em frente 48
acho que vou chorar agora 49
muito são poetas mortos do meu lado ocidental 50
quando eu morrer quero ficar 51
o vago fantasma assustado 52
ir para onde? nau sem rumo 53
a fênix desiludiu no vão da foz do iguaçu 54
e eu mesmo sonhando acordado 55
os erros do passado são boletos 56
nos labirintos sei me mover 57
no desamparo desta noite a cama é dura 58
lábios vermelhos como vinho tinto 59

nosso namoro será sempre novo 60
janelas abertas pro céu 61
a tua presença esse espelho d'água 62
você se apropriou da minha canção 64
eu fiz essa canção com muito açúcar 65
teu sorriso colou-se aos meus lábios 66
você comeu da fruta 67

amo-te de uma forma líquida	68
nosso namoro será sempre novo	69
ir com você pra um lugar escuro	70
eu sou do signo de libra e ela cozinha pra fora	71
nasceste para os pátios dos palácios	72
estava escrito nas estrelas	73
aberto como cratera meu coração foi ferido	74
mulher mais feminina existirá aonde?	75
maria me expulsou do casarão antigo	76
meu dorso nu	77
tua cabeleira de aço	78
carrego comigo junto	79
dona dos meus desenganos	80
bela é a tua alma moral	81
vendo tanto quanto vejo que cegueira da desgraça	82
sobre o chão do egoísmo a mesa da indiferença	83
a tua faca é cega	84
as armadilhas desfeitas com cuidados de artesão	85
quem sabe na beirada do mar cáspio	86
é claro que a reconheceréis quando chegar	87
capital de giro	88
parafraseando pessoa	89
mas como a fênix ressurgiu das cinzas ao fim de um período xis	90
sobre o chão do egoísmo a mesa da indiferença	91
 Posfácio	 94
 Agradecimentos	 96
 Sobre o autor	 98



Prefácio

No meio do caminho tinha um abismo, entre o centro e a periferia, o gueto e o condomínio. Mas Dagomé faz da distância, poesia. Se pudesse, de bom grado o poeta trocaria os versos que gritam contra o racismo e a desigualdade social pelos sussurros de amor por sua musa.

É mais feliz quando escreve:

*e eu de boca aberta e jubiloso
dei gritos de triunfos e o estandarte
ergui desde a aurora até o crepúsculo
são teus o meu amor e a minha arte*

Dagomé queria ser um trovador medieval, um Dom Quixote declarando seu amor por Dulcineia. Mas no meio do caminho tinha os moinhos, ou melhor, os gigantes que derrubaram Quixote. E o poeta escreve:

*o problema é que fizeram um abismo assoberbado
entre o filho do açougueiro e o filho do burguês
e enquanto eu assimilo o dialeto do gueto
falando língua de preto e ele na aula de inglês*

Poeta, compositor, ativista cultural e social nascido em Vitória da Conquista, Bahia, e vivido em São Sebastião, Distrito Federal, Dagomé explica:

“Eu gostaria de não ter que me preocupar com o racismo e a desigualdade social, mas não tem como, você é meio que obrigado a ser ativista. Uma pessoa branca não é obrigada a ser ativista. Uma pessoa preta também não é obrigada, mas quando você atinge uma certa consciência você meio que tem que se atirar nessa luta. Porque você acaba sendo vítima do sistema, e a arma que você tem, às vezes, é meramente a palavra.”

Então o Quixote caído se levanta, sacode a poeira, faz da palavra sua armadura

e sua lança e investe de novo e de novo e de novo contra os gigantes. Mas eis que entre uma batalha e outra – contra o racismo, a desigualdade, o abismo – o Engenhoso Fidalgo empunha sua pena e escreve a Dulcineia:

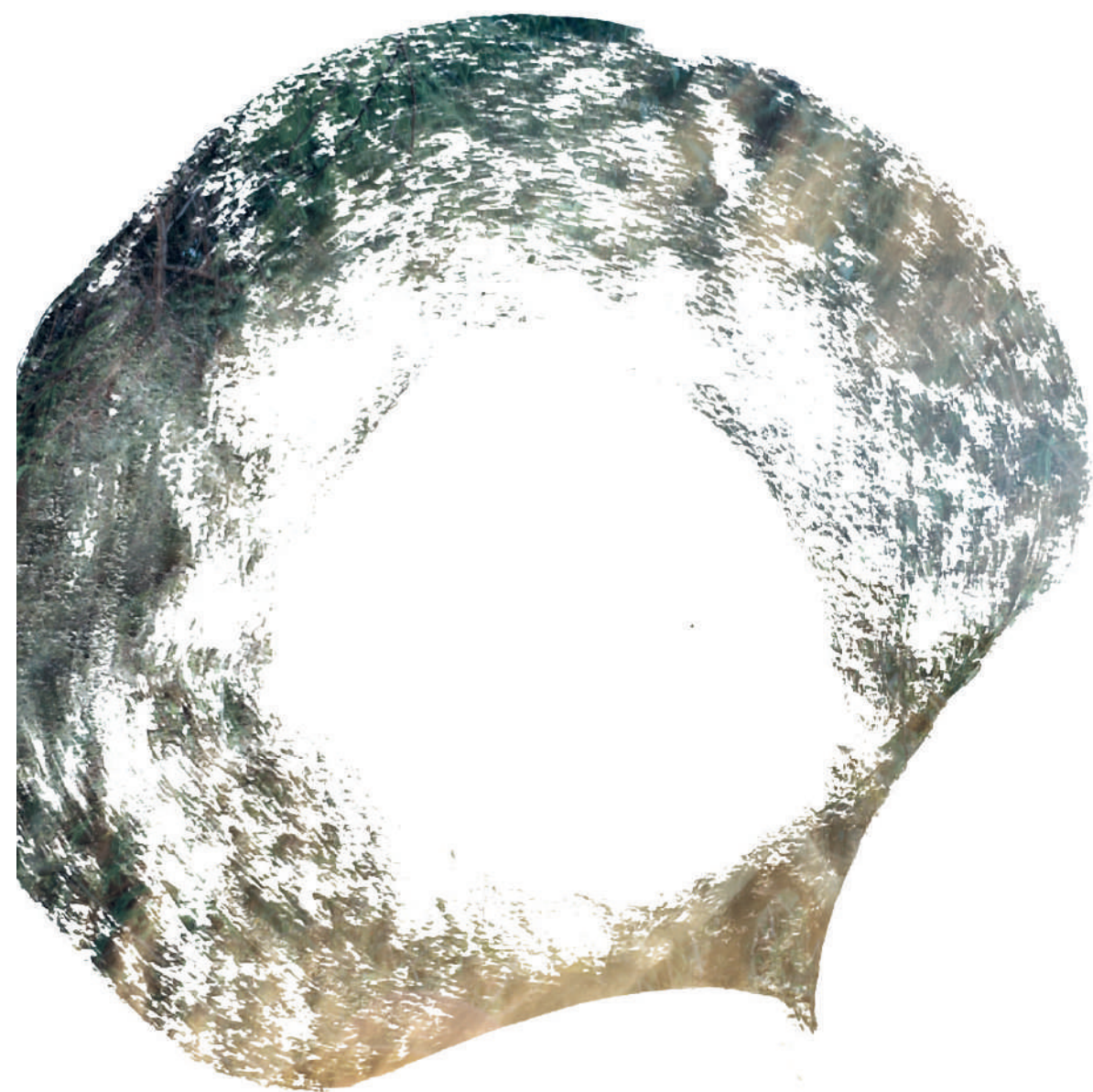
*da tessitura com que te fizeram
sobrou material para três pirâmides
e niemeyer trabalhou três meses
na curvatura do teu dorso insano*

Então Dom Quixote monta de novo o incansável Rocinante e volta para a batalha contra os gigantes – sem perder a ternura.

*então creio impiamente que ness'outra sesmaria
que se aproxima célere sobre não frouxa montaria
te esperarei em silêncio ou alegre cantoria*

José Rezende Jr.

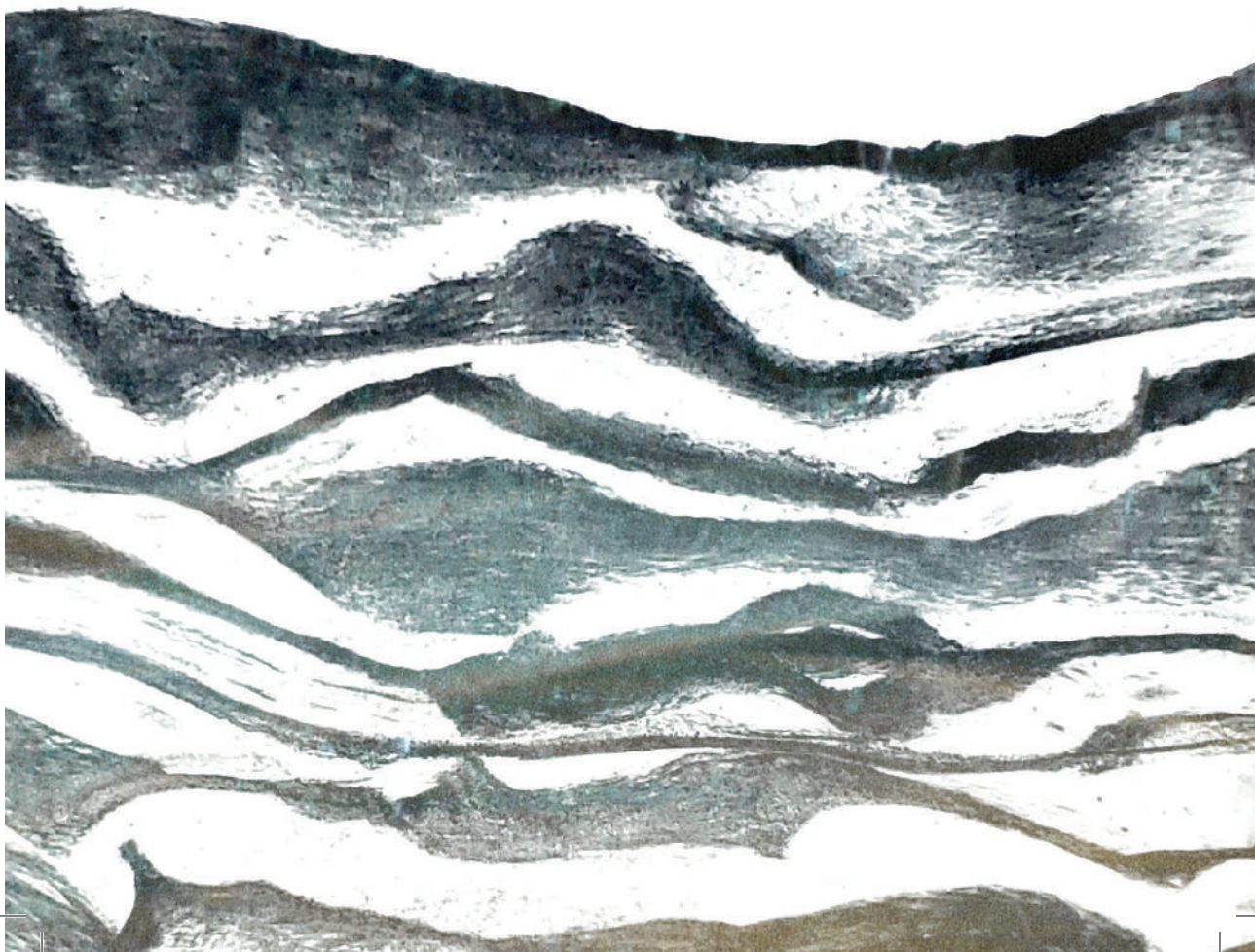




agora eu sei



quem foi que o criou



estou olhando o tempo de perto
menino esperto filho da esparta
estou olhando o tempo nos longes

estou olhando o tempo atento
malemolento mole mulato
estou olhando o tempo um instante

estou olhando o tempo e seus truques
trouxe minha trupe uns estrupícios
estou olhando o tempo e seus trotes

estou movendo o tempo ao contrário
ora seus vários ora nenhum
estou movendo o tempo ao inverso

estou nivelando o tempo aos meus trinta
menos de trinta vinte e tantos
estou aprumando o tempo aos trancos

estou tratando o tempo e seus traumas
minha paz o acalma paz aparente
estou enredando o tempo em suas tramas

estou aparando as tranças do tempo
está mais lento parou
estou congelando o tempo um momento

estou retrocedendo com o tempo
tenho vinte tenho menos
estou adolescendo uns instantes

estou acelerando o movimento
agora seu bebê mero espermatozoide
perdi todo o domínio e senso

agora é pré-história neolítico
olha o mundo há pouco esfriou
agora deus nasceu por entre as trevas

agora eu sei quem foi que o criou

A poética do abismo Paulo Dagomé

olhando o povo em torno e vendo o dentro deles
os músculos e entranhas e as almas todas reles
e sendo olhado neles como igual e dissidente
eu penso não sou gente
eu penso
não sou
gente

e olhando as coisas todas com que eles se revestem
carteiras celulares chaves eis que me advertem
usando os apetrechos que eles usam com capricho
eu penso sou um bicho
eu penso
sou um
bicho

e observando os modos medos mudas convenções
que usam como escudo e utilizam como arpões
eu saco as mesmas armas com que massacro meus manos
e penso não sou humano
e penso
não sou
humano

e atravessando a vida cuidadoso de todas essas manias
que os cadáveres colegas carregam em agonia
sempre mais me ausento dela em sua humanidade chinfrim
e penso não sou daqui
e penso
não sou
daqui

hoje amanheceu molhado em minha alma
e o inverno parece não ter fim
ontem choveu por toda a madrugada
mas a chuva mais forte era em mim

chein ein ein chein ein ein
é assim que a chuva bate no telhado do meu bem

raios tempestade vento trovoada
e a minha capa colorida de cetim
quase foi destruída pela enxurrada
enquanto os pingos vão batendo em mim

chein ein ein chein ein ein
é assim que a chuva bate no telhado do meu bem

o vento forte me fustiga o corpo inteiro
e o meu peito arfa estou tão infeliz
e chuva chove chovendo sem que leia um livro
se eu não me livro desse chein ein ein

chein ein ein chein ein ein
é assim que a chuva bate no telhado do meu bem

assim quem sabe despir-me da consciência como da roupa
assim despir-me um pouco de pensar
e colocar um véu pesado sobre a vista
e a transfigurar

ah perder um pouco a cousa prenhe refletir
quem sabe ter um deus e crer na natureza
não ter insônia e esta clareza turva
de incerteza

assim quem sabe em meio às horas mortas
ter um sossego n'alma e algum descanso
pensar em ritos ou dinheiro alguma coisa santa
um gozo manso

assim não adiar por tanto tempo a hora calma
de adormecer e descansar no teu abraço
o tempo passa nos meus olhos de ver tudo
e eu também passo

quem sabe tirar a razão como quem tira os óculos
e pô-la sobre o móvel uma tarde inteira
dispor desta clareza que não me traz calma
sobre uma cadeira

jogar pela janela fora isto de tanto analisar
perder-me deste esforço inútil pela essência
tocar na banda ter esperança olhar as rosas
fugir da onisciência

esse frio gelado na espinha
esse arrepio esse presságio
esse prenúncio essa promessa
é vaticínio ou é recado?

essa mensagem esse enigma
essa garrafa essa cisão
e a profecia neste sonho
búzio ou adivinhação?

e esse silêncio pressuroso
e essa canção de puro agouro
e o voo baixo desse corvo
boa sorte ou só desdouro?

e esse carteiro ranzinza
que telegrama trará?
e o olhar dessa vizinha
que segredos guardará?

e aquele pombo correio?
e essa coruja sem graça?
e a minha caixa de e-mail
e essa vela
e esse charuto
e essa cachaça?

entre os que acham que sou frio como lata
 espalho abraços e beijos macios
 para aquecer suas almas opacas
e reacender qualquer sombra de brio

e entre os que acham que sou sociopata
 e nos meus gestos vê algo sombrio
 abro o sorriso com dentes de prata
 e só sorrio só sorrio só sorrio

e entre os que pensam que eu sou um panaca
 ao dilapidar meu pródigo embornal
 semeio flores distribuo fartas
 porções de fé do meu rico arsenal

e entre os que veem persona nefasta
 nesta minha pose de buda ancestral
 dou a outra face de pedra maciça
 fria como o piso de um hospital

e entre os que enxergam pessoa indigesta
 no meu perfil na rede social
 curto comento e até compartilho
 post com mensagem oriental

eu sou o tao
eu sou o tao
eu sou o tao
sou o tao

como se algo importante escapasse entre os meus dedos
ou algo bem monstruoso ressurgisse entre meus medos
tipo o passado remoendo na moenda os meus brinquedos
ou o futuro apresentando a fatura dos segredos

como se os planos fossem parte de um engendro funesto
orquestrado por senhores de um feudo nada modesto
com seus cordéis invisíveis nos meus ombros e de resto
por não sabê-los viventes nem posso fazer protesto

como se o acaso vivesse com seu bafo em meu cangote
acompanhado de perto pelo fado qual coioite
que uivasse sua sentença do alto do camarote
do teatro absurdo onde enceno a minha morte

como se os rios corressem para trás e o non sense
reinasse absoluto no vão onde a valsa vienense
fosse tocada ao contrário num oboé conquistense
pelo filho que não tive com a que já não me pertence

como se tudo pudesse ser de um modo diferente
se eu não tivesse embarcado naquele dia tão quente
rumo ao oeste do nada qual marujo inconsequente
em busca do não sabido na guia do não sapiente

como se todos os dias fossem um disco girando
ao redor da mesma música e apenasmente mudando
o tom a coreografia num permanente desmando
até nunca até sempre até logo até quando

trago na minha ascendência um monte de bons reizeiros
mas quando assopro num pife
não tenho o menor cacife
não amealho um cruzeiro

venho de nobre linhagem de poetas estradeiros
mas quando isso chega em mim
só poesia chinfrim
perdi-me do paradeiro

no rastro do meu passado um magote de guerreiro
mas quando falam em guerra
eu grito vê se me erra
me saio todo cabreiro

também trago na matula uma penca de sanfoneiro
mas quando pego do fole
minha mão dele escapole
e toco como um fuleiro

antigamente ele chegava só
quase sempre à mesma hora
pouco após a meia noite

se esgueirava de mansinho
não esbarrava nos móveis
mesmo com a casa às escuras

mesmo o cachorro solto
mesmo o alarme ligado
cadeado no portão

antigamente era só
meia noite
quase sempre

sem alarde
bem sutil
lá vinha a bater o ponto

antes vinha sempre só
pés de veludo e algodão
imperceptivelmente

vinha sempre
e sempre só
agora o tédio traz consigo o desespero

sou o exército vencido
perseguido pela espada
de valentes de saul
ou de loucos cherokees

a de mortos legião
me arrasta preso à corrente
todos parentes parentes
numa sequência sem fim

e riem uns e outros choram
na madrugada friorenta
por meu futuro cinzento

e me arrastam meus mortos
meus vivos parentes mortos
à sua vã dimensão

do que há de mais valia
te inundo
não tenho nada de meu
que não mistério
não tenho prata nem ouro
neste mundo
nem no outro que o meu fim
é o cemitério

do que não me vale tanto
cedo pródigo
aos tantos que aqui me cercam
eu daria
disso que tenho muito
tempo e cérebro
que enquanto não plantavam
eu colhia

mas de que vale um poema
feito com a fé de uma novena
se o que lhe serve é exatamente
missa de corpo presente?

minha alma coa no telhado gotejante
minha alma é tarde
minha alma é infame
minha alma sente vontade de
mahatma versus indira
ghandi
minha alma expande na mais cristalina dor
minha alma explode no mais puro tédio
minha alma sem remédio
minha alma incolor

e chega desse papo e dessa alma sem sabor

e chega dessa alma e seu motor

minha alma fede como fezes num tambor
num tem omo nem quiboa que a livre do fedor

minha alma pede lucro como um reles mercador

minha alma credo em cruz
minha alma dedo em riste
minha alma vade retro

minha alma cede como vassalo sem brio

minha alma rio
sem margens
minha alma
pajem
sem sinhá

minha alma abará
minha alma vatapá
minha alma lá
minha alma cá

minha alma caju
cajá
minha alma existirá?

os luminares
luminosos
sobre os lugares tenebrosos
e as claras cores
pluriflores
sobre os desertos dissabores
e o tédio universal
na madrugada
e o sexo sem nexo
sem nada

e a minha vida adulterada

e as horas perdidas na frente
do hipnótico olho
do gnomo

e o sono dos deuses
alheios
aos meus devaneios anárquicos
meu báquicos sonhos
eróticos
e a minha miséria estoica

eu quero a mordomia dos burgueses
eu quero a insolência dos burgueses

sonego imposto
fraudo a previdência
com a clarividência necessária

cansei do contraponto desta vida proletária

nego o acaso tão certo
quanto ao destino
nego
nego o que firme afirmo
e firmo fé no contrário
tanto quanto com firmeza
descreio de ambos os lados

creio é na mediocridade
que me acompanha de fato
creio em mim caso contado
creio na ficção eu descrita
num canto vago
ensaio

creio na pulcra demência
do deus desmoralizado
forjando genealogias
pra encobrir seu pecado

nos dando a falsa esperança
de um retorno
malogrado

nada do que sou me faz inteiro
nada no atoleiro me segura
funda a sepultura e não me afogo
folgo junto à pútrida manilha

o verão
tenta o disfarce do sol
eu anoiteço

nada do que enxergo me acomoda

ladra o cão à lua
automóveis

galgo teus degraus mas tão sem viço

no entanto vivo
e permaneço a primavera
tenta o engano da flor

eu espinheiro

na febre dos desejos
me abandono
sem dono
acho eu que assim vicejo

num canto libertino
me acrisolo
sem colo
que me envolva o desatino

num vago desvario
me acomodo
é o modo
com que me assemelho ao rio

no afã de libertar-me
eis-me em ferros
aos berros
sem ninguém pra escutar

no lança-chamas da paixão
me lanço
com pouco canso
tenho saudades da prisão

mar de tranquilidade
esbato contra a atmosfera
mas tudo é correr atrás do vento
ao longe um piano martelando bach

cobalto berilo qualquer coisa quartzo
teu rosto de jade
mar de tranquilidade
cães noturnos latem discos voadores

tarântulas habilidosas tecem
mar de tranquilidade
meu leite e meu mel batizados
alho e alecrim pro carneiro

e eu imbecilmente indo
mar de intranquilidade

ave rara
em te conhecendo
quem te não amara?

alma clara
quem te encontrando
o mais não detestara?

manter a máscara
e um mesmo tom
enquanto a alma cruza
labirintos
nem estampar na face
o alçapão
e não turbar a vista
na tormenta

eh sina eh dom
uplahow
iiiiiiiip hurra

por que me treme assim a perna quando penso no futuro
e as luzes que enxergo mais me cegam que me guiam?
se no olho do ciclone está o cu da calmaria
onde estão os mecanismos que aciono e me aliviam?

por que me dói tanto o peito quando o ócio me domina
e enxergo com clareza o que se embota na labuta?
a dor cava meu coração com a lâmina da enxada fria
mas a angústia aguça a audição e coloca-me à escuta

das lágrimas que oculto suas formas estalactíticas
no âmago da divisão entre a alma e o espírito
forçando-as a revelarem-se no epicentro do mistério
derrubando torres pontes parapeitos totens mitos

e eu aqui nessa agonia as quatro e quarenta e quatro
relacionando os porquês nesta lista heterogênea
vejo aportar madrugada na contemplação do não visto
não tendo tocado um dedo na que dorme ao lado fêmea

vem logo velhice vem logo morte vem logo após
venha o que tiver que ser que eu quero ver logo os nós
que há para desatar onde sou meu próprio deus
e de mim meu próprio herege e de mim meu próprio ateu

vem logo consumação vem desgraça vem juízo final
sou meu próprio advogado sou meu próprio tribunal
sou meu próprio algoz sou lâmina e guilhotina
sou espingarda e punhal eu sou minha estricnina

vem cristo vem dom Sebastião vem Apolo vem elias
vem apocalipse vem guerra nuclear no ventre de mil ogivas
eu sou minha bomba h sou meu dia d sou meu raio x
quero a próxima fase quantas são as minhas vidas quem é aquele que o diz

venham prazeres e horrores o que alteia o que oprime
sou minha própria sentença como sou meu próprio crime
venham para o desafio que vos fiz e que renovo
que mesmo covarde sendo não temo não eu não temo pois o jugo desaprovo

seja inferno ou paraíso eu sou meu próprio destino
sou teu eterno oponente no combate que abomino
venham ao centro da terra ao coração dos infernos
vamos ao cu do abismo no núcleo do mais interno

vamos se há deuses e demónios se há magia e candomblé
quero ver como é que fica quero saber qualquié
cruz de Hitler cruz de caravaca cruz de malta credo em cruz
rosa-cruz maçonaria astrologia dez mil espelhos sem luz

bebo a porra de teseu dou o cu ao minotauro
chupo o cacete de Zeus cago no pau de um centauro
cuspo no santo graal de alguma forma é possível
constranger-vos deuses tolos falanges do incognoscível

bato na cara da morte mesmo tomado de horror
mas eu preciso saber porque preciso saber quem sou e pra onde vou

minha pseudo erudição
navalha cega em minha mão
navego o mar contradição
palavras são minha perdição

mas sei falar de amor como os poetas
e tenho brasas vivas no olhar
a língua se antecipa e se projeta
precisa aprender silenciar

são tristes as veredas dos profetas
mas sei fazer canções plenas de paz
na casa coração portas abertas
na alma hipocrisia nunca mais

à vista do não visto meu espanto
à frente do inaudito meu silencio
pois que o que vejo sendo invisível
não percebível é inda que imenso

fitar o invisível é o que me move
mas onde a lente clara que lhos mostre?

morro qual fora guerreiro
que eu não me rendo por nada
morro da luta em meio
inda que vã

morro 'té desesperado
morro transido de frio
mas é de pé que eu morro
morro forro
e humano
que eu sei traçar desenganos
como um bom italiano
traça um bom prato de massa

e é massa

estar intra entre ultra alter inter
extra
qualquer coisa
não ser contra ou a favor
apenas parte
em amor

como tantas outras vezes cometido à surdina
este é um ato covarde porém não desnecessário
mas é preciso dizer o que na alma se anima
com calma e ferocidade elefante dromedário:

há algum tempo suspeito do fim da nossa amizade
no sentido que o romance deu-lhe durante estes anos
mas ative-me ao costume da tua presença e o deus sabe
como nos nós entendemos e como nos acostumamos

a discutir nossos planos que de repente perderam
a dupla perspectiva que nós lhes dávamos antes
unidos pelos projetos e ideias não dissonantes

que hoje parecem turvos e um tanto fora de foco
e põem uma lente de aumento no sentimento de culpa
e sobre a minha tristeza a lente de enorme lupa

não sei que cousa é esta que em mim isto faz
não sei que cousa é a paz
quem tece estes fios?
quem urde a verdade?
quem impõe os deveres e inventa felicidades?

nem suponho o absurdo de que fala o meu vizinho
o que vem a ser a ciência?
quem ordena o sentir?
quem define o que é belo
e produz as ironias e comanda os martelos?

nem paciência me assiste que suporte tanta algema
quem em mim pôs tal diadema?
que vem a ser esperança?
quem dá ouvidos ao amor?
quem costura primaveras? quem nutre a carne da flor?

quem veio aqui com esta cousa de trancar portas à aldabra?
quem me diz tira esta barba?
de quem a história das artes?
que doudo deu-se ao criar dos ritos?
que diabo é um ideal? o que vem a ser um mito?

Quem me diz que lado é o certo para que solte meu brado?
Quem me impõe ir para um lado?
Por que pular desse muro?
Que parvo pôs-se no andor da liderança?
Quem teceu a covardia? Quem tricotou a esperança?
que tenho eu a ver com o que tu chamas meu mundo?
que sei eu da noite antiga
em que capto apenas que existo?
desadorno compromisso desconfio de alianças
tiro da alma os seus guizos e desmemoro a lembrança

o meu futuro é um cadáver espichado no convés
de um barco abandonado ao capricho das marés
passam ilhas e arquipélagos e eu desnatural de mim
não me encaixo na moldura de madeira ou de marfim

desce a chuva sobe o sol mar e céu tudo é antigo
mas o abismo de ser eu não se ausenta de migo
e a todo momento a culpa de ser ateu ou cristão
sempre na linha de frente da dura competição

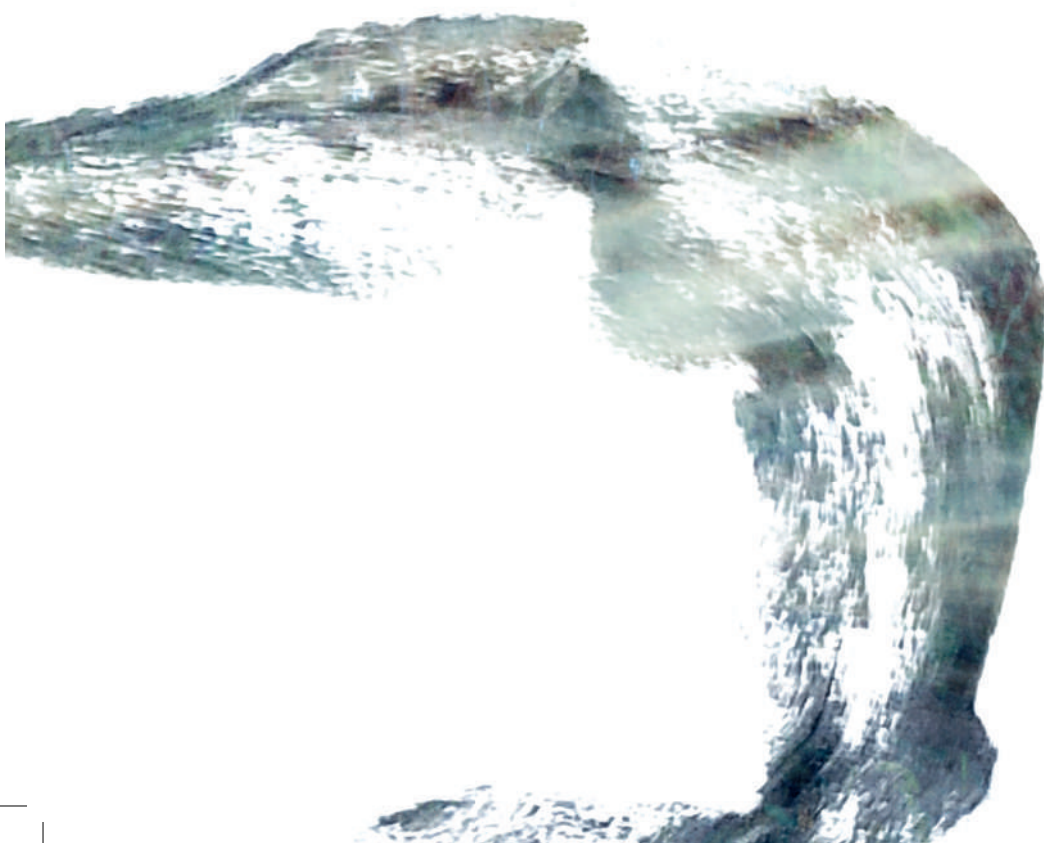
e a embarcação segue a esmo sem fantasma a assombrá-la
não acha praia nem porto por isso mesmo não encalha
que as tuas areias não possuem a ideal densidade
ou desviei-me da rota ou então perplexidade

...não é nada disso de mar e céu e sol e embarcação
o meu futuro é uma velhinha que faz crochê na prisão
como ninguém a visita e como tem pouca linha
assim que acaba o trabalho ela o desfaz e principia...

quase um buda



feroz no cerrado



meu nobre coração africano
meu honrado peito baiano
minha justa língua brasileira
minha ética brasiliense

minha clara força heroica
minha condição periférica
minha não vacilante retórica
minha verve de artista inequívoca

minha boca que ri às escancaras
dos fugazes poderes dos déspotas
sob a paz que bovina me alcança
quase um buda feroz no cerrado

em silêncio assaz metafísico
que oculta meu verbo encantado
não oscila diante do medo
não vacila em frente ao pecado

estou indo maria
aos poucos deixo a sua companhia
aos poucos estou indo pra onde ia
antes da existência da bahia

aos poucos vou virando epifania
eu não queria
cria
que para sempre viveria

pois bem antes da existência da bahia
com os ancestrais de mainha
numa praia muito antiga que ninguém nem pressentia
eu havia

existido em muito boa companhia
e de lá até aqui passei por muita biblioteca e livraria
mas tudo que eu aprendia
fluía

na desmemoriação que me ocorria
quando me desencarnava e renascia
como se a ideia da evolução em mim não poderia
dar-se como em qualquer outro e me ocorria

no vão entre uma e outra estadia
que a única certeza que eu guardava enquanto chegava e partia
é que toda cunhatã que me servia
não no sentido de servir que se atribui à escravaria

mas no sentido mais completo em que uma alma a outra se alia
era que mesmo com o passar do tempo e das vidas como contas de uma guia
toda aquela que haveria de haver pra sempre chamar-se-ia
maria

então creio impiamente que ness'outra sesmaria
que se aproxima célere sobre não frouxa montaria
te esperarei em silêncio ou alegre cantoria
como quem foi mas não queria.

sendo então que se o passado o presente e o futuro
não trazem alternativas razoáveis de estadia
nesse asteroide simplório e de regimento duro
com esses capatazes frios como os guardas da rainha

sendo que meus conterrâneos são donos de tais certezas
que não atingem o curso do meu rio surreal
tornando-me detentor dos títulos de rara nobreza
de pária louco poeta menestrel e marginal

sendo notório na vila minha condição de crápula
egocêntrico mandão tergiversador autoritário
faz-me maria saber em diálogo sem mácula
que no final desse rótulo há mais um título: otário

sendo por fim do conhecimento público o fato
de que ao parecer pródigo não passo de um pão-duro
vou-me embora pra pasárgada e ainda este ano parto
para um lugar sem passado sem presente e sem futuro

tomado de amores por minha cidade
misturo argamassa com o meu suor
construo então muralha pedra imaginária
e torres de vigia ponho ao derredor

e estendo longamente o bosque de pinheiros
e multiplico a mata em volta dos pardais
e espalho córregos pelos periquitos
e praças pelas pombas tetos por pardais

preparo uma canção pra boca dos jovens
alargo estendo afundo o córrego enfim
se as ruas fossem minhas ladrilhava tudo
se as ruas fossem minhas ladrilhava sim

e pulverizo cal do cume do caic
que o vento norte espalha e a chuva temporã
me ajuda a pintar as paredes de sonho
das casas ilusórias vida e telha vã

mil bustos ao oleiro desconhecido ergo
em pleno chão da praça de tião areia
e armo circos grátis pros meninos pobres
e faço novas ruas destas ruas feias

semeio parabólicas pelos telhados
mas multiplico livros que a mente alerta
eu acho importante ter vídeo cassete
eu acho indispensável ter a mente aberta

tomado de amores por minha cidade
amor é coisa pouca e eu só sei sonhar
e a poesia é desencargo de consciência
de quem não tem na vida o dom de realizar

São Sebastião, 1995

pra sempre a tortuosa via angustiada em frente
e ocasionalmente eu saberei dizer-te
que a verdade é o espinho em minha carne e mente
minha vil boca ante o impossível flerte

que há entre mim e a verdade eu juro
pois o desejo íntimo que me acode o ser
é ser seu súdito de peito aberto e puro
o coração desejaria ter

mas sou hipócrita e falso e confesso minto
descaradamente até pra minha mãe
e minto pro meu filho quase por instinto
e insisto em mentir pra quem quer que me acompanhe

teço maledicências nos maus caminhos que trilho
e falo do vizinho que me emprestará
o último dinheiro para o leite do seu filho
e intimamente mando-o para aquele lugar

depois choro no chão frio do banheiro sujo
da lama que escorre do meu mesmo coração
e quebro a louça pobre do armário e fujo
pro fundo do quintal pensando porque não

ter pena de mim mesmo e dó dos meus filhinhos
e ser um pai zeloso e filho e esposo e irmão
e ir pro meu trabalho por alegres caminhos
e ir porra nenhuma nesta sem-razão

nenhum lugar me espera nenhum é minha casa
nenhuma coisa alguma em nada há de haver

o espinho em minha carne arde como brasa
na via angustiada em que devo morrer

acho que vou chorar agora
neste minuto idiota
acho que vou-me embora
para sempre por aquela porta

eu bem podia retirar-me desta vida
por esta veia idiota
sem adeus ou despedida
por esta via sem porta

por esta veia aorta
eu bem podia retirar-me desta merda
deixar de ser a mosca morta
e lerda

qualquer coisa que corte
qualquer coisa que corta
neste minuto e nesta porta
qualquer indagação qualquer resposta

acho que vou chorar na porta
sossega vai coração idiota
bosta
melhor entrar fechar a porta

muito são poetas mortos do meu lado ocidental
outro são crianças tristes da minha aldeia original
um pouco são saudades tortas de um pecado capital
mas muito da minha tristeza são lágrimas de portugal

muito são os versos tristes de caetano na voz de gal
muito é jeová de carvalho as dezenove na avenida principal
bastante é o azul vibrante do céu corrupto da capital
mas muito da minha tristeza são lágrimas de portugal

muito é banzo sobre o cântaro com muito cauim ancestral
muito são cantares místicos que ecoam no canavial
muito são griôs nos pórticos ao longo do litoral
mas muito da minha tristeza são lágrimas de portugal

muito são os descartáveis corpos que tombam sem vida ao lado da nau
muito são tambores muito são cocares muito é gente oriental
muito são os anarquistas muito os sindicalistas muito é o carnaval
mas muito da minha tristeza são lágrimas de portugal

quando eu morrer quero ficar
não contem aos meus inimigos
sepultado em são sebastião
então

meus pés enterrem na gameleira
no aquário bar deixem meu sexo
na via livre a cabeça
esqueçam

no pátio do centrão afundem
o meu coração brasiliense
um coração vivo e um defunto
bem juntos

escondam na labodeguita o ouvido
direito o esquerdo na praça tião areia
quero saber da vida alheia
sereia

o nariz guardem no morro azul
a língua no residencial do bosque
para cantar a liberdade
saudades

as mãos atirem por ai
que desvivam como viveram
as tripas atirem pro diabo
que o espírito será de deus
adeus

o vago fantasma assustado
o velho vampiro sedento
vagueia porões do castelo
remira-se em móveis antigos

tiros na noite candanga
oiço as pegadas do vento
ardo entre as coxas mulatas
mata não me dessedenta

perco meu tempo
mas ergo meu ego
a têmpera: é no ermo
que a retempero

dispo-me
doo-me
down em mim
clown

ir para onde? nau sem rumo
istambul new orleans rio de janeiro
ir para quem? nauseabundo
minha mãe não ligou no dia derradeiro

virulento vírus lento vem no vento
minha ignorância prepara minha cova rasa
ir-me como? para a bósnia? Pro camboja?
minha mãe rindo na noite e eu me acabava

não não dissimulo oh podridão eu mergulho
tua zona de perigo minha maior ambição
não não te distingo oh cinismo apenas vou
minha mãe séria na noite da maior aflição

codinomes me escondem do inferno anterior
ir para o quê? veleiro insone
marx cristo bahai buda
minha mãe me observa na noite sem nome

a fênix desiludiu no vão da foz do iguaçu
aonde jesus menino limpava seu corpo nu
com pouco surgiu na fonte a índia paraguaçu
que pediu um copo d'água pintadinha de urucum

tocou rápido um chorinho na corda do seu berimbau
depois pulou o corquinho em busca do arsenal
de bumerangues azuis e zarabatanas brown
bem no dia de são nunca também faz o seu sarau

de bengala fraque e cartola sentindo uma dor profunda
carlitos desceu a rampa com o botão da barafunda
propício a uma cafungada lá na casa de raimunda
que comeu o pão que o cão amassou com a mão imunda

a capital sem esquinas espera a vinda das putas
a verdade tem uns braços e umas perninhas bem curtas
a perifa tem os manos, minas, quebradas e trutas
eva depois que comeu deu para adão sua fruta

e eu mesmo sonhando acordado
por ti desço do andor
mesmo com o mel derramado
eu sei que a estrela brilhou
mesmo discriminado
minha trena é o amor
mesmo o mar red fechado
minha vara não pausou
mesmo não tendo voltado
acho massa o bom pastor
mesmo não sendo cristão
saudades do salvador

os erros do passado são boletos
cujas faturas chegam todo mês
de nada adiantam os acertos
e as negociações que a gente fez

renovam-se com juros abusivos
nas linhas diminutas do contrato
que como enganoso informativo
te extorque de direito e de fato

é quase inextinguível essa fatura
que cresce toma corpo e se dilata
com o passar dos anos não se cura
dessa inescapável duplicata

as faltas do passado são carnês
nas mãos de um mascate masoquista
que bate em nossa porta todo mês
e explora nossa veia consumista

como não há negociata ou trato
que leve à quitação da eterna conta
o devedor nem olha mais o extrato
silenciosamente aceita a afronta.

nos labirintos sei me mover
eu forjo armas nos cemitérios
eu faço pólvora do saber
pra detonar este hemisfério

confisco educação observando os mestres
faço o levante dos oprimidos
penso a revolução aprimorando os dotes
mas alimento minha libido

não quero ser proprietário
não quero ser operário
quero ser livre até
para ser o contrário

trago uma guerra civil oculta
desde que eu vim da Bahia
meu sonho é ter uma pá na mão
ser o coveiro da burguesia

no desamparo desta noite a cama é dura
a luz é morna e o silêncio asfixia
de vez em quando passa um automóvel em disparada
de vez em quando sobre o muro um gato mia

o vento sopra ladra um cão coruja pia
estrelas piscam sobre as casas da favela
um motoqueiro um pernillongo um choro ao longe
alguém que tosse e um vento frio na janela

um assobio e a resposta na outra rua
devo lembrar-me de trocar este colchão
vou a cozinha geladeira copo d'água
os sonhos pairam na casinha do meu cão

um grilo canta uma monótona modinha
um sapo faz a terça sem convicção
um ronco longo uma sirene agora um fusca
ligo a teve ta terminado o corujão

o sol vem vindo e a ilusão de atividade
vai desfazer durante um tempo este cansaço
mas novamente os sons da madrugada insone
vão me envolver e asfixiar no seu abraço

lábios vermelhos como vinho tinto
olhos vermelhos canabis sativa
naves no céu de Brasília
urbes

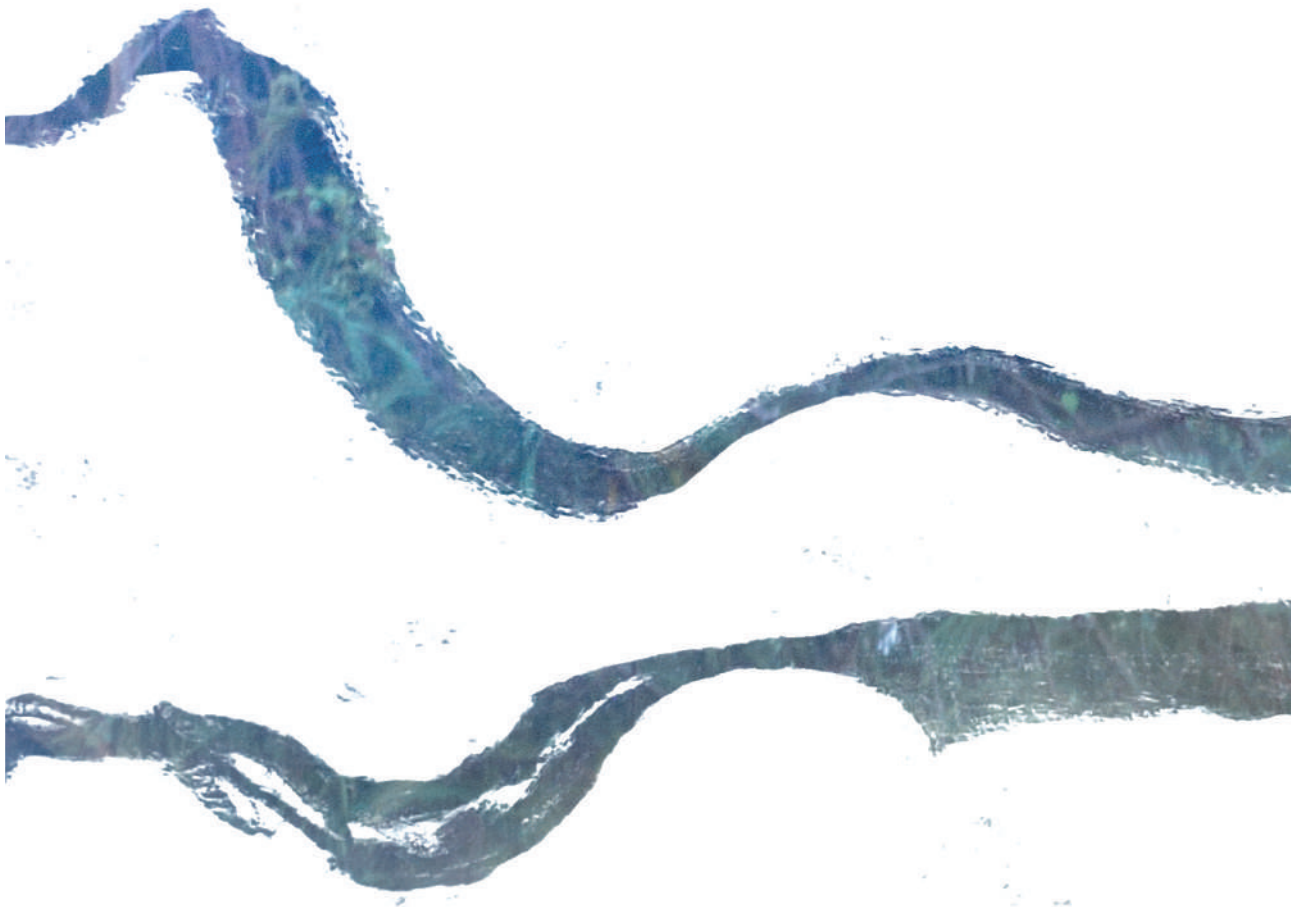
trazes ao colo eu sei
as chaves do mistério envolvidas
em gazes de algodão esbranquiçadas
em nuvens de algodão entretecidas

mas eu perdi meus olhos na descida
do velho poço escuro ó minha amada
já vejo a madrugada coruscando
já sinto a brisa fria do planalto

mas meus sentidos estão conspurcados
pelo dragão de olhos destemidos
mas foi meu coração selvagem
domado pela dama de escarlate

e o vinho agora embota meus sentidos
e sete anjinhos mortos vêm buscar-me
na noite surreal qualquer janeiro
março quem sabe não supere fevereiro

nosso namoro



será sempre novo



janelas abertas pro céu
espio a solidão da lua
a flor de carne carmesim
me diz que sim! meu ser flutua!

eu vi o céu!
eu vi o céu!
eu vi-a nua!
toda nua!

o corpo do mestre tremula
frágil bandeira na cruz nua
eu não me livro deste espectro
digo que não! mas que loucura!

eu vi o céu!
eu vi o céu!
eu vi-a nua!
toda nua!

a tua presença esse espelho d'água
reflete somente meu erro e meu mal
a tua presença essa sombra inumana
sorriso sacana
olhar animal

a tua presença em esquinas escuras
que a alma percorre fugindo de si
a tua presença essa nuvem medonha
enxofre e maconha
meninos eu vi

a tua presença pesada e potente
que pesa em meus ombros e eu sei carregar
a tua presença prisão de almas cegas
que curvas que vergas
sem voz levantar

a tua presença magia feitiço
vodu visceral no âmago do ser
a tua presença a fingir que protege
o anjo e o herege
fantoche de você

you se apropriou da minha canção
e tomou conta de poemas inteiros
se aboletou nuns trinta e cinco refrãos
de um modo assaz traiçoeiro
impôs luminescência em meu coração
trocou toalhas lençóis e travesseiros
retirou a poeira do poético porão
sem pudor e sem pejo

e esse mal é tão prazenteiro

se enroscou nas cordas do violão
e avançou pelas falanges dos dedos
venceu meus nervos com obstinação
e descobriu meus segredos
cê acampou nos meus acordes e então
os tons menores se esconderam com medo
as melodias se animaram ao ver
a medula do desejo

e esse mal é tão prazenteiro

se apoderou das minhas cordas vocais
e me pôs pra cantar nos rochedos
desnudou meus pecados capitais
minha libido virou tema de enredo
fez um arranjo pra cordas e metais
escolheu meus temas a dedo
pôs pra cantar impensados corais
sob surreais arvoredos

e esse mal é tão prazenteiro

eu fiz essa canção com muito açúcar
eu fiz com muito mel de jataí
com muito mel de cana e rapadura
eu fiz com muito doce de pequi

pus muito sonho de confeitaria
pus muita seriguela e sapoti
pus muito cajuito e manga rosa
algodão doce e doce de buriti

pus toneladas de mel de 'oropa'
maná sonho pavê manjar pudim
baba de moça muitos fios de ouro
e mais de cinco metros de quindim

sorvete chocolate e marshmelo
eu pus duas tigelas de açaí
pus muito doce de batata doce
pus tudo na panela e comi

mas nada é tão doce
quanto o beijo
que ela deu
sem eu pedir

teu sorriso colou-se aos meus lábios
araldite durepóxi superbonder
ando agora a contê-lo
o sorriso
mas quem disse que o olhar o esconde?

tua imagem acoplou-se-me à pele
circuncisão tatuagem cicatriz
ando agora a espantá-la
a imagem
grande é o peso de me achar feliz

teu olhar grudou-se-me à retina
urucum rímel sombra pau-brasil
ando agora a evitá-lo
o olhar
para não morrer no trânsito de abril

teu suor perspegou-se-me ao tato
siameses almas gêmeas baião-de-dois
ando agora a transpirá-lo
o suor
vida antes de você ...e depois

você comeu da fruta
que eu plantei no nosso quintal
 de uma maneira astuta
e com os modos de um animal
 você fugiu da luta
levando a minha arma letal
 usando a força bruta
e me atirando no lamaçal
 sua memória curta
deve ser como o seu próprio pau
 coisinha diminuta
contrariamente ao seu próprio mal
 sua aparência culta
é só verniz seu cara de pau
 à luz da minha lupa
vê-se que não possui cabedal
 chegou à idade adulta
como um adolescente anormal
 a sua face oculta
é falsa e superficial
 certeza absoluta
você não sabe o que é ter moral
 eu posso ser biruta
mas sei reconhecer um vagal

amo-te de uma forma líquida
de um modo interessantíssimo
se às vezes eu tropeço nos sinônimos
é por que em ti minha alma bêbada

amo-te como à bandeira pátria
cativo dos humores químicos
testosterona em dose imprópria
senhorio quase hipnótico

amo-te de uma forma úmida
com estertores supra físicos
com meus suores e hormônios
com meus licores e meus líquidos

amo-te árvore ou pássaro
amo-te lâmpada e minério
amo-te único e vários
renato russo maiakovski

sujeito ao deus da vida prática
minha alma porém segue sonâmbula
mas entre o vazio das minhas dúvidas
vislumbro pálidos relâmpagos

de verdades inauditas
aos ouvidos dos católicos
e das moças evangélicas

amo-te de um jeito sólido

nosso namoro será sempre novo
embora os anos teimem em passar
eu não te abraço no meio do povo
pois você sabe como eu vou ficar

e em ficando como sempre fico
configurado o preâmbulo do êxtase
eu quero o ápice do sol a pino sobre o pico
das elevações maduras onde entro em catarse

porém tendo chegado ao topo da montanha
e dela escorregando na vertigem dos licores
agarro ancas e pelos dono de renovada sanha
inebriado em teu hálito e ao sabor dos teus odores

mas quando abatido em pleno voo orgamástico
pelos soluços e arquejos abissais do novo gozo
embora o amor dos outros teime em ser extático
nosso namoro será novo de novo

ir com você pra um lugar escuro
você andando nua pela casa
me tomasse pela mão me carregasse
olharíamos o céu do miranúvens

me guiasse pelas brechas do absurdo
visitássemos amigos antiquíssimos
não houvesse viver não fosse com você
também não ser se em mim você não estivera

em mim coisa nenhuma
nada no planeta
se você fosse embora minha vida espuma

em mim nada
nada no universo
se você me deixasse em mim nunca mais nada

eu sou do signo de libra e ela cozinha pra fora
se ela passar da hora eu não vou me preocupar
ela sabe o sacrifício que me acompanha por ora
de exercer o meu ofício como cantor popular

ela é flamengo eu adoro política partidária
a minha veia é artística e ela só quer viajar
eu gosto muito de ver minhas novelas diárias
mas ela insiste em ver séries que nunca vão a findar

eu gosto de poesia e ela pratica crossfit
eu leio nietzsche pra ela pelo café da manhã
ela fala da vizinha eu recebi um convite
pra um sarau ela insiste que o presidente é tantã

ela visita a família eu durmo até umas hora
eu ameaço ir embora ela não tem sentimento
ela pensa em casamento eu tomo uma coca cola
eu nunca mais fui à escola sem lenço e sem documento

eu sou ateu não convicto ela curte astrologia
eu não trabalho de dia ela de noite não dorme
eu sinto um amor enorme ela faz fotografia
eu não trabalho de noite não tenho mais rima em orme

eu sou baiano ela gosta de muita perfumaria
ela se chama maria eu torço pro tricolor
ela odeia o calor eu tenho outra mania
eu banho com água fria ela se amarra em flor

eu não me afobo com nada ela regula o dinheiro
eu trabalho o dia inteiro ela diz toda manhã
que o presidente é tantã eu só acho ele fuleiro
ela sente tudo que é cheiro eu gosto de djavan

ela é leão lua em libra tenho cinquenta e seis anos
ela adora caetano eu desconheço godart
ela gosta de falar eu quase não faço planos
eu sou bastante urbano ela é muito popular

nascestes para os pátios dos palácios
vejo-te em sacadas donde miras lagos
e é teu nariz que delimita a torre

teu queixo é o horizonte do senado

tua boca cala a vã filosofia

e ris com toda a boca o teu sorriso
e segue-te um cortejo de eunucos
ó senhora dona do luar

meu incensário
e meu turíbulo
e oração
a ti ofertado
e eis aqui uma liteira ao pé de ti
dez os germânicos
que te pajearão cada momento

se feita fostes pro reinar da tribo inteira
senhora dona do meu coração/tambor

macula teu capricho minha pureza

estava escrito nas estrelas
na pele de cada animal
e em cada círculo concêntrico
autentico
da tua digital

estava escrito nas estrelas
na íris de cada qual
na minha pele africana
baiana
timbale de carlinhos brown

estava escrito nas estrelas
nas folhas dos pés de pau
na pele dos jenipapos
currupaco
asas de arara surreal

estava escrito nas estrelas
no ouro do anel real
na casca dos mil coqueiros
altaneiros
do baiano litoral

estava escrito nas estrelas
nalgum escudo medieval
de um cavaleio andante
galante
dom quixote coisa e tal

estava escrito nas estrelas
na mão de deus e afinal
na cútis da tua alma
nos sulcos da minha palma
teremos um amor tranquilo
e nossos filhos
brincando em nosso quintal

aberto como cratera meu coração foi ferido
pelos três punhais de ouro do teu arsenal secreto
o primeiro me feriu quando teus olhos me olharam
na vez primeira e eu fiquei paralisado de afeto

o segundo me feriu na noite em que teus dois peitos
saltaram como gazelas e eu pude velos de perto
como afresco italiano no auge da renascença
e a esfuziante alegria de escravo recém liberto

já o terceiro punhal me feriu ontem de noite
quando eu falava de um pássaro e seu destino arredio
e a ferida foi tão funda e eu senti tanto frio

ao sair na madrugada como um cachorro danado
que acho que nunca mais a saúde recupero
pois quanto de ti me afasto tanto mais me desespero

mulher mais feminina existirá aonde?
pois se afrodite lhe roubou o bronze
e seu nariz se configura a torre
seu dorso é o eixo e a mais curva curva

mulher dulcíssima é de maria
o fac-símile dá-me teu olho
dá-me teu óleo com que lubrifique
a engrenagem que me faz ciborgue

mulher castíssima eu não vislumbro
senão em ti virtudes virtuosas
como cristal à ténue luz matutina
como num prisma a lágrima das cores

mulher aquática iemanjá/yara
seus olhos são vigias de uma escuna
que atravessa a via cujo nome láctea
é o oceano que me afogo Mônica

maria me expulsou do casarão antigo
maria acha que eu sou denso e sério
maria acha que eu tenho virtudes
maria me acha um homem assim completo

não maria pensava que assim fosse
não maria tem idéias sobre minha sombra
maria não sabe o quanto atuo na comédia
não maria desconhece em mim o drama

maria me negou meu próprio filho
maria na redoma me convida
maria a proteção cinto air bag
maria me cerceia e me persegue

não maria não persegue assim persegue
não maria incomoda em sua verve
maria possui ética e ideal
não maria não me deixa e não me impede

maria desconhece o porquê choro
maria tem doutrinas e oráculos
maria autarquia instituição
maria faz que entende meu discurso

não maria pensava que entendia
não maria supunha o entendimento
maria não nasceu em minas mas é uma mina
que mina meu pseudo amoralismo

meu dorso nu
recebe a gama de raios luminosos que atravessam tua lente
em milhões de partículas paralelas e equidistantes
mas o que queima minha pele
são teus olhos de luar

meu corpo desnudo
repete as posições que prenuncias
reverenciando em ti
toda a passionalidade de camile claudel

minha alma nua
é uma pena não pode ser roubada e aprisionada
num velho álbum
num velho sótão
dum casarão antigo
de uma cidade proibida
chamada nunca mais
nunca antes
nunca agora

ou quem sabe nossos ancestrais
uma dama rica e seu aio

tua cabeleira de aço

1. tua beleza de pedra
2. me atinge nas manhãs
3. como o arpão de um pescueiro
4. peixe passarinho flor

tua palavra berilo

1. meu olhar pedra sabão
2. resiste heroico ao cinzel
3. que trazes ambidestra mão

tuas receita de vida

1. assentamentos monetários
2. ócio sesta pergaminhos

tuas partituras diárias

1. que coroo de acidentados
5. mel farinha rapadura

carrego comigo junto
todos os seus biscois
seu lábio torto comigo
e a vontade de ser feliz
carrego os porta-retratos
e alguns pensamentos vis
os copinhos de cachaça
e o sexo com quatro bis
a negra de porcelana
sobre um tapete de giz
crânio na mão como quem
casou-se com quem não quis
a felicidade passa
e eu escapo por um triz
o povo me vê na rua
e creia num tem quem diz
que o santo ali é bem pouco
sob o manto de verniz
e pra limpar a sujeira
que torce qualquer nariz
mais de vinte caminhões
e um batalhão de garis
não limpam a minha alma
de todo o mal que eu te fiz

dona dos meus desenganos
fecha a redoma em torno
arma os cristais e os adornos
monta os bemóis e os painéis

domina as ondas do rádio
esmaga os peixes no aquário
torna o velório hilário
dá-nos o olhar de viés

trama o retorno dos anos
desfaz as tranças do tempo
reduz o eterno a momento
põe o inferno aos teus pés

cria um deus menos humano
curra os senhores da herdade
prende-me com a liberdade
dá-me a verdade ao invés

cospe no olho ciclópico
que entretêm nosso domingo
veda o plimprim hipnótico
ou fura-me os olhos de vez

desgraça de andaime inseguro
trapo trapézio trapiche
tropical dona de mim

traça o equilíbrio possível
doma o coração do poeta
poe termo a dor que é sem fim

bela é a tua alma moral
mais bela é a alma da cortesã
belo o seu aploomb cultural
mais belo o erro léxico da não-sã

belo é o teu discurso político
mais belo o sex-appeal da prostituta
belo é o teu non-sense apocalíptico
mais belo o temor religioso de uma puta

bela é a tua verve ética
mais bela é a ignorância da teúda
bela é a tua entonação fonética
mais belo o sotaque com que a mundana me saúda

belo é o teu olhar aristocrático
mais belo o cílio negro da ordinária
belo é o teu sorriso prático
mais belo o sorriso democrático da perdulária

belo é o teu porte altaneiro
mais belo é o batom da boca da bandida
belo é o teu aparte zombeteiro
mais belo o nome feio na boca da mulher da vida

vendo tanto quanto vejo que cegueira da desgraça
falei pra nietzsche você vai matar jesus de pirraça
amealho tanta coisa mas não vivo em abundância
disse a jesus esse beijo de judas vai dar lambança
conecto-me com o outro lado só acho fé na descrença
eu disse freud esse tal de jung merece uma prensa
moro mal e longe mas minha mina é de responsa
eu disse césar esse brutus é um amigo da onça
reconheço tenho medo mas avanço com cadencia
joão eu disse adivinhação difere de clarividência
faço música mas nunca vou entrar na sua dança
Falei rapunzel porque tu não corta e vende essa trança
incomodo me incomoda teu amor tua ciência
disse da vinci repensa essa tua experiência
eu sou teu deus entronado tu és minha como ausência
colega do minotauro bulinei teseu na infância
somos sóbrios me embriago no sabor da tua essência
filho de macunaíma engano desde criança
mas te juro t'esconjuro sei tudo de ignorância
fui o dentista de drácula e a extração do ciso foi tensa
gosto tudo in natura embalado com decência
meti água na bocarra do dragão na capadócia
tenho prosa e poesia mas minha fala é falência
joguei a boia pra pedro quando ele perdeu a crença
sou de esparta e de atenas nunca pus os pés na grécia
falei jó vou te ensinar um jogo chamado paciência
leio o novo testamento pra achar erros de imprensa
falei davi essa tal de batsebah não compensa
leio o velho testamento pra encontrar incoerência
eu enganei al capone dizendo o crime compensa
mas disse henrique oitavo essa ana é cheia de astúcia
chamei sansão em um canto e disse tome tenência
forjei a bigorna do cão no ferro da tua ausência
davi cantou pra saul salmos meus da adolescência
tudo foi sonho sonhado no fio de uma corda bamba
nada ficou comprovado conforme atesta a ciência
trago uma lupa gigante e uso-a com tanta ânsia
que ela não me permite ver minha auto-desimportância

sobre o chão do egoísmo a mesa da indiferença
e a toalha do orgulho sob o jarro da descrença
e esta flor hipocrisia
nesta sala sem amor
abrem portas e janelas pra que entre a desavença

rego a grama do quintal
com um pecado capital
cuido do encanamento
com uma dor e um lamento
e quanto à parte elétrica
uno os fios da mente cética
à tomada intolerância

com o martelo do racismo
na mão da condenação
prego o quadro preconceito
na parede ignorância

forro o teto com tristeza
no piso desatenção
nas paredes xingamentos
nas janelas palavrão

assim é que se constrói
a casa desilusão

a tua faca é cega
a minha carne é fraca
a tua face é pedra
a minha face é fácil
a tua forma é firme
a minha fama é fútil
a tua força é bruta
a minha é fraca luta
a tua dor é oculta
a minha é pseudo culta
tua missão é dada
a minha é malfadada
tua safadeza é casta
minha santidade clínica
o teu ofício é fardo
minha função é foda
tua espada é fria
o meu florete é frágil
a tua sorte atua
em mim o acaso é farto
o teu destino é certo
como dois e dois são quatro
meu destino é fictício
como dois e dois são cinco

as armadilhas desfeitas com cuidados de artesão
os pés de cabra do espírito para arrombar o portão
da mansão do imponderável veja meu caro leitor
não adiantou de nada pois “o” que “é” superior

preparou um game absurdo e uma sucessão de fases
de tal modo delineadas que só mesmo os mais capazes
completariam o processo e abraçariam o prêmio
que ele com algum requinte e requififes de gênio

preparara de antemão e eu besta de fazer dó
capacitei-me com estilo para ser sim o melhor
mas a vida escorreu nos dedos sem que eu conseguisse ver
ao fim as letras neonizadas baby baby game over

quem sabe na beirada do mar cáspio
quem sabe na folha de um facão
na boca de um papo amarelo
na frente da bocarra de um canhão

quem sabe debaixo da roda do trem
quem sabe eu me atire da janela
quem sabe ateie fogo às minhas vestes
ou me enforque no vestido preto dela

quem sabe uma emboscada no terreiro
quem sabe numa festa de são joão
quem sabe na ponta de uma peixeira
quem sabe eu encontre alguma solução

quem sabe corte os pulsos com navalha
quem sabe com um tiro na cabeça
talvez eu me envenene na segunda
quem sabe formicida numa terça

quem sabe uma overdose em dose dupla
e uma carta solta pelo chão
quem sabe barbitúrico estriçnina
quem sabe abrir o gás do botijão

quem sabe os pulsos corte e fique olhando
o sangue escorrendo pelo chão
quem sabe um coquetel de comprimido
quem sabe as rodas de um caminhão

uma corda de boa qualidade
um caibro forte um banco e a solidão
quem sabe um trinta e oito carregado
quem sabe eu encontre alguma solução

é claro que a reconheceréis quando chegar
pois trará luz a toda a volta e onde pisar
pois toda coisa certa estará lá
pois toda lua cheia
pois toda lua nova
alumiará

com ela a alegria dura duraduraduradura
mesmo que a noite seja escura
a luzazul que sobe dela é muito pura

é claro que a reconheceréis quando a virdes
pois dialoga sem palavras com a loucura
o sol a beira dela tem uma cor escura
fica sem fala quem a vê
tamanha a formosura

com ela a alegria dura duraduraduradura
mesmo que a noite seja escura
a luzazul que sobe dela é muito pura

e é claro que sabereis de quem se trata
empresta brilho às estrelas e som às serenatas
seu dorso protegido pela vasta cabeleira
silencia todo som
otimiza o que é bom
de toda maneira

com ela a alegria dura duraduraduradura
mesmo que a noite seja escura
a luzazul que sobe dela é muito pura

capital de giro

quando eu soprei a morte nas narinas do senhor
conheci mais sobre a vida em sua forma menos tola

ó minha lady galáctica
ó minha mística ogiva

quando eu subi na torre para afrontar ao senhor
deus burguês ó burguesia porque tanto se assanhou

minha fome macdonald
minha sede coca-cola
minha culpa mea culpa
por não ter feito afinal
o que podia de mal?

ó minha gótica amante
ó minha lua minguante

quem me dera alguns pecados de que me arrepender

parafraseando pessoa

aceitar que a vida é
como trabalhador vulgar
como a costureira do lugar
que coisa difícil é

aceitar que a vida passa
e não ter medo da morte
e não maldizer da sorte
tampouco a comida escassa

acreditar no deus vivo
e que simplesmente existo
como o sujeito que avisto
e ali vai sem objetivo

cumprir calmo o meu destino
sem conjecturas banais
comer como os animais
e dormir como um menino

e exercer meu ofício
amanuense ou pintor
sem metafísica ou dor
grato ao bem ou malefício

eh sina
eh dom
uplahow
iiiiphurrah

mas como a fênix ressurgue das cinzas ao fim de um período xis
e como o urso acorda no fundo da gruta após o período da hiberna
retornarei nalgum ponto do tempo pra ter a vida que eu quis
entre os amigos eleitos na cidade escolhida numa estrutura moderna

com leis escritas no peito com o laser da consciência grega
plus ultra contemporânea numa urbismulti completa
com automóveis flutuantes em vias via de regra
sem os habituais solavancos de minha triste sina de poeta

levitarei pelas ruas com meus patins voadores e num laptop virtual
escreverei meus poemas numa metalinguagem interplanetária de sete caracteres
ciclistas voarão ao longe escolas virão em chips e como é natural
alimentos comprimidos vestimentas descartáveis e programáveis mulheres

pinga diet sexo light comprimidos do mais puro oxigênio da amazônia
livros em dedais celulares de pulso computadores de bolso maravilha de país
é onde vou acordar da hibernação que farei na mais completa insônia
junto com meus camaradas como a fênix ressurgue das cinzas ao fim de um período xis

sobre o chão do egoísmo a mesa da indiferença
e a toalha do orgulho sob o jarro da descrença
e esta flor hipocrisia
nesta sala sem amor
abrem portas e janelas pra que entre a desavença

rego a grama do quintal
com um pecado capital
cuido do encanamento
com uma dor e um lamento
e quanto à parte elétrica
uno os fios da mente cética
à tomada intolerância

com o martelo do racismo
na mão da condenação
prego o quadro preconceito
na parede ignorância

forro o teto com tristeza
no piso desatenção
nas paredes xingamentos
nas janelas palavrão

assim é que se constrói
a casa desilusão





Posfácio

Seria o silêncio do vento?

Quando comecei a ler
pensei qual sentimento me fez ir
transbordando
a
cada
página

e cheguei a uma mínima resposta perto do quão galáctica
o tempo de cada verso encruzou
no ventar fresco
que esse tempo de sabor saborear me deu
se prendeu
em meu corpo nos meus ouvindo

fazendo-o zumbido
zumbido zuuuumbido
zumbido

Dagomé envolve abraça como o silêncio do vento
textos chiar zumbindo de forma orgânica e visceral
uma brisa gostosa livre uma forma de palavra
que por vezes molha o corpo por inteiro
deixa úmido febril ao desejo do sabor saborear

Me sinto na copa da árvore sendo balanceada embalada
por cada texto em uma rede
sentindo as palavras fazendo passagem
e sendo uma abraço uma morada em meu corpo
de forma breve entregue

Dagome tem a leveza do
ventar
Ar
a força do ventar
Ar
o silêncio do ventar
Ar

Nanda Fer Pimenta

Agradecimentos

À minha mãe, Jovita, a meu pai, o padeiro Teté, por terem me apoiado incondicionalmente em minhas escolhas, mesmo quando um tanto equivocadas.

A Nanah, pelo fundamental apoio, amor e dedicação durante toda a feitura desse livro, como musa, primeira leitora e crítica, bem como pelo seu trabalho e envolvimento na materialização desse projeto.

Aos meus irmãos Petrônio, Cláudio, Maurício e Fábio, por serem os melhores irmãos que alguém poderia ter.

Aos meus filhos Binho, Devana e Zeca, meus principais confidentes.

Aos meus companheiros do Movimento Supernova pela amizade, paciência e compreensão ao longo desses anos de luta pela arte e cultura em nossa cidade.

Pela insistência para que eu publicasse meus escritos e que, ao contribuírem no prefácio e posfácio, jogam luz nesta publicação, deixo um salve a José Rezende Júnior e Nicholas Behr.

Pelo companheirismo filial/ancestral/afrocentrado, que nos une pelo ideal artístico, saúdo Ricardo Caldeira e Nanda Pimenta.

Pelo entusiasmo com essa publicação, pelo incentivo para que eu me dedique com mais constância à minha carreira artística e também pelo empenho, ideias e apoio para a minha profissionalização como autor, deixo meu abraço a Mayã Fernandes e Ana Corrêa, da Editora Oribê.

Um abraço forte e comovido em Edvair Ribeiro e Isaac Mendes, meus virginianos preferidos, por me guiarem no caminho do bem, não permitindo que o meu pragmatismo exacerbado me levasse a lugares inadequados.

Vivas e revivas a Paulo Apedeuta, Waldir Cordeiro, Cristiano Sampaio, Kelbia Coutinho, Indiara Vitória, José Garcia Caianno, Sebastião Borges, Dilma Mendes, Odecio Rossafa, George Gregori, Paloma Barbosa e Luíz, luíza Midlej, Eliane Assunção, Nadjara Régis, Max Maciel, Elias Silva, Shirlene Carvalho, Josélia Pereira, DJ Nicko, Rapoza Suja, Cristiano Ribeiro, Vânia Reis, Pedro Cêsar Batista, José Soter, Nilmar Paulo, Hellen Frida, Cesar Cavalcante, Fatima Fogaça, Tribo das Artes, Congo Nya, Radicais Livres, (ou nominar membros dos radicais) Ludocriarte, Biblioteca do Bosque, Leandra Saboia, Cultura de Classe.

Grato a Fábio Sena pelo seu trabalho de revisão que, em verdade, foi mais uma assessoria para assuntos aleatórios e variados.

Não esquecendo que este projeto foi financiado pelo FAC – Fundo de apoio a cultura do DF, a quem agradeço.

Paulo Dagomé



Sobre o autor

Nascido em 28 de setembro de 1964, sob o signo de libra, dublê de poeta e pintor, baiano de Vitória da Conquista, Paulinho Dagomé é também compositor premiado em festivais de música no DF.

Poeta, músico, ativista cultural, em 2001, fundou o grupo cultural Radicais Livres, que realizou o Sarauradical, o qual servia como uma vitrine para a produção artística de São Sebastião, no Distrito Federal, onde artistas se apresentaram mensalmente até 2010 quando funda o Movimento SuperNova, no qual atua desde então.

Este livro foi impresso em 2024 pela Editora Oribe,
utilizando a fonte Cormorant Upright e impresso em papel Ravena 90g.

Na poesia do Paulo Dagomé você tem onde se agarrar. Tudo nela parece simples (ainda bem) mas se você ler de novo, vai acessar outras camadas, mais profundas. Na poesia o simples é muito, muito difícil. Mais fácil ser hermético, complexo, incomunicável. Vou pedir pra você ler esse livro como quem procura um alento, um consolo, um apoio. A voz do Paulo Dagomé diz coisas que você gostaria de dizer. E olha que ousadia: usa a primeira pessoa! Transforma o eu lírico do poeta em um eu lírico coletivo. Isso. Exatamente isso. Transforma o eu lírico do poeta em um eu lírico coletivo. Puxa, como gostei de dizer isso da poesia potente do Paulo Dagomé.

Nicolas Behr



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

realização



apoio



editora

Oribê

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



a poética do abismo

Paulo Dagomé